



DÔRA, DORALINA DE RAQUEL DE QUEIROZ: A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DE GÊNERO DA PROTAGONISTA

Élida Maria do Nascimento¹; Geranilde Costa e Silva²

(Universidade Federal de Campina Grande¹, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira²)

elidalettras@hotmail.com

Resumo: *Dôra, Doralina* faz parte de um conjunto de romances da escritora cearense Raquel de Queiroz que têm mulheres como protagonista. Assim como Conceição em *O Quinze* e Maria Moura em *Memorial de Maria Moura*, Dôra é uma personagem que escolhe não seguir os moldes impostos pela sociedade patriarcal e rompe com conceitos pré-concebidos sobre qual seria o lugar da mulher na sociedade dos anos 30, época em que foi ambientada a obra. O presente trabalho tem como objetivo analisar a construção identitária da personagem-título do romance em questão, utilizando para isto os estudos sobre identidade e diferença desenvolvidas por Hall e Woodward (2011) e Fernandes (2006), bem como traçar uma possível forma para se trabalhar com esse romance no âmbito escolar, baseando-se nas concepções teóricas acerca do ensino de literatura propostos por Cosson (2014) e Nóbrega (2014). A observância dos diferentes contextos espaciais percorridos ao longo do enredo foi importante se compreender o percurso da personagem em busca de sua autorrealização. Além disso, ressaltamos uma possível forma de abordagem do texto para se discutir questões de gênero no ensino médio ao estabelecer um estudo comparativo entre a sociedade da década de trinta e a atual.

Introdução

O ensino de literatura dentro do âmbito escolar não deve ser encarado como um pretexto para se estudar historiografia literária ou os aspectos puramente gramaticais, por exemplo. Essa é uma visão reducionista e infecunda de se trabalhar com as possibilidades que emergem do texto literário. Nesse sentido, a atuação do professor como afirma Nóbrega (2014, p.86),

deve levar o leitor a ampliar as fronteiras do seu conhecimento, a adquirir novas vivências e a refletir sobre o seu cotidiano. Através da leitura literária, o indivíduo é estimulado a dialogar e socializar suas experiências, discutindo com outros leitores suas surpresas e decepções acarretando a possibilidade de que essas atividades de reflexões não se encerrem no final da leitura ou da aula, mas que adquiram o sentido concreto que precisam ter fora do texto e da escola.

Tendo em vista essa perspectiva, construímos nosso trabalho a partir da leitura integral do romance *Dôra, Doralina*, pertencente a autora Raquel de Queiroz, com os alunos do terceiro ano do ensino médio, buscando efetivamente realizar uma experiência de fruição do texto literário ao discutir aspectos importantes que emanam dessa narrativa, como a questão de gênero, e que são essenciais para entendermos a formação identitária da protagonista dentro da sociedade à qual pertenciam.

Nóbrega (2014,86) ainda ressalta que

a escola é um dos espaços legítimos para discutir as diferentes perspectivas que compõem a noção de diversidade (econômica, social, religiosa, política e cultural) no contexto de uma sociedade organizada. Percebe-se que essa diversidade é contemplada nas várias



disciplinas que formam o currículo obrigatório e, dentre elas encontra-se a literatura.

Então, abordar a questão de gênero dentro de uma obra ambientada na década de trinta, levando em consideração a postura assumida pela protagonista nesse meio se faz pertinente e profícuo para a formação de leitores críticos, pois possibilita aos mesmos um espaço para que sejam discutidas suas percepções sobre a obra e o mundo.

As experiências pelas quais passa a narradora ao longo de sua trajetória, constituem o que denominamos por “Bildungsroman” ou “Romance de Formação”. Nele vemos a formação da personagem desde a infância até a fase adulta, terminando com o aprendizado, o amadurecimento da mesma. A obra é dividida em três partes: “O livro de Senhora”, “O livro da companhia” e “O livro do comandante”, em que, a cada linha, observamos a evolução de Dôra na construção de sua personalidade.

Segundo Hall; Woodward (2011, p. 40 e 47) “A identidade é fabricada por meio da marcação da diferença(...) e sempre é produzida em relação a uma outra”. Com cada experiência vivida, com cada problema enfrentado, alimentamos a construção do Eu, em consonância ou discordância de algo do que é próprio do Outro. Ou seja, os seres com os quais nos relacionamos fornecem-nos material para construirmos nossa identidade. Eles servem como ponto de referência para nos posicionarmos como sujeitos dentro do processo interacional. Fernandes (2006, p.5) aponta que:

Identidade e diferença fazem parte do mesmo processo de constituição e expressão de cada indivíduo. Tanto uma como outra são produzidas nos processos sociais e na relação entre subjetividade e contextualidade. O processo de socialização, que por si mesmo é social, produz tanto a diferenciação quanto a identificação permanente dos sujeitos.

Pelo convívio com a diversidade, conseguimos produzir nosso elo como mundo, pois, antes de tudo, somos seres sociáveis e em contínua metamorfose, em busca de auto-afirmação.

Dôra tem suas raízes plantadas no sertão. Ela nasceu na fazenda Soledade. Órfã de pai foi criada sob o jugo de sua mãe Senhora, descrita como uma mulher autoritária que usa o luto como uma armadura, e com pulso firme para comandar cada ser de sua fazenda. Jerri Langaro (2006, p.65) ressalta

Em *Dôra, Doralina* os resquícios do patriarcalismo são marcantes, principalmente, na personagem Senhora que, após a viuvez, reproduz o modelo patriarcal ao ocupar o lugar deixado por seu marido, na condução da fazenda Soledade, no sertão nordestino da primeira metade do século XX.

Esses grilhões patriarcalistas não impediram, porém, a caminhada evolutiva da



protagonista. O êxodo rural incorporado ao perfil da obra promove várias mudanças ao comportamento de Maria das Dores. A postura ingênua de antigamente, dará lugar a uma nova, determinada em enfrentar os percalços da vida. E o contato com realidades diversas são essenciais para seu crescimento pessoal.

Antes de eu entrar na Companhia, tinha o meu corpo como se fosse uma coisa alheia que eu guardasse depositada, e só podia dar ao legítimo dono, e depois de dá a esse dono era só dele, não adiantava eu querer ou não, porque o meu corpo eu não tinha o direito de governar, eu vivia dentro dele, mas o meu corpo não era meu. Já agora o corpo era meu, pra guardar ou pra dar, se eu quisesse ia, se não quisesse não ia, acabou-se. Era uma grande diferença, pra mim enorme. (DD, p.118).

Sua caminhada nasce “a partir de um ponto sólido, sua terra, sua família de onde parte para a vivência de experiências que causarão mudanças na visão de mundo para a construção de uma identidade independente”(SOUZA, 2008, p.49).

Portanto, os campos relacionais percorridos pela personagem principal são cruciais para entendermos sua construção identitária. A dicotomia sertão/urbano permeia toda a narrativa, fazendo-se presente nas atitudes adotadas por Dôra. Educada em colégio religioso, guiada sob rígidos padrões morais, onde se imperava ideais retrógrados vinculadas ao papel da boa mulher, repentinamente, transporta-se para outro universo existencial, onde ela pedia por independência e mais, o mundo exigia dela independência.

Metodologia

O trabalho em sala de aula foi realizado em sete etapas descritas a seguir.

1º etapa: Pesquisa histórica sobre a condição feminina na década de 30 em comparação com a atual. Neste primeiro momento, priorizou-se preparar o aluno para o universo presente no livro a ser lido, possibilitando a discussão em sala sobre as discrepâncias do universo em que o romance se ambienta e a época contemporânea.

2º etapa: Apresentação da autora e da obra com comentários acerca seu estilo literário.

3º etapa: Leitura em conjunto do primeiro capítulo da obra, e posterior discussão sobre as impressões que tiveram ao lê-lo.

4º etapa: Formação de diário de leitura, conforme proposta de trabalho com o texto literário desenvolvida por Cosson (2014). O aluno terá a oportunidade de registrar em um diário suas impressões durante a leitura.

5º etapa: Primeiro encontro para socialização dos conhecimentos obtidos e das reflexões feitas a partir da obra nos diários de leitura.

6º etapa: Caracterização da protagonista. Nesse ponto, os alunos questionaram os posicionamentos realizados pela protagonista, a forma como ela reagiu em cada contexto e como isso contribuiu para sua evolução.

7º etapa: Depois da leitura integral da obra, formamos um círculo de debates para se analisar a contribuição desse texto para nossa formação enquanto cidadãos, assim como avaliar a importância da literatura em nossa sociedade.

Resultados e discussão

Como consequência dessas atividades, os alunos promoveram seminários no auditório da escola para divulgação do romance *Dôra, Doralina*, onde buscaram evidenciar a riqueza embutida nessa narração criada pela autora cearense Raquel de Queiroz.

Foi constatado dentro do espaço escolar que a leitura e discussão do romance *Dôra, Doralina* promoveu vários debates acerca da condição feminina na década de trinta em comparação com a época atual. A análise feita sobre os diferentes contextos espaciais descritos ao longo do enredo mostrou-se como um aspecto pertinente para entendermos o processo de construção da identidade em *Dôra*, ou seja, a saída do setor agrário e a vivência na cidade foram importantes para se compreender o percurso da personagem em busca de sua autorrealização.

Os alunos puderam diferenciar/perceber o confronto entre as realidades retrógradas e inovadoras como é evidenciado pela representação do sertão e do urbano. Com isso, pudemos relacionar o romance *Dôra, Doralina* como recurso didático dentro e fora da sala de aula, uma vez que os assuntos tratados ao longo do texto permitem diversas abordagens e são pertinentes à sociedade atual.

Conclusões

A formação de leitores críticos no âmbito escolar só se faz mediante uma mudança na postura adotada pelo professor em seu fazer pedagógico. Continuar reproduzindo maneiras estereotipadas de abordagem do texto literário, como já foi constatado ao longo de décadas, não forma leitores proficientes, nem ao menos forma leitores, pois os mesmos parecem adquirir aversão



à literatura. Traçar maneiras diferentes para se trabalhar em sala de aula é essencial para dinamizar essa atividade e, por consequência, contribuímos para uma relação produtiva entre o aluno e o texto literário.

Dessa forma, a proposta realizada neste trabalho mostrou-se eficaz por promover o envolvimento do corpo discente com o mundo ficcional criado pela autora abordada. As impressões obtidas com a leitura foram objeto de discussões pertinentes sobre a questão de gênero, sobre a relevância temática da obra nos dias atuais. Portanto, esperamos com este estudo contribuir para o crescimento dos alunos enquanto cidadãos críticos e atuantes através da utilização do texto literário.

Referências

COSSON, Rildo. Letramento literário. 2ed. 5ª reimpressão- São Paulo: Contexto, 2014.

FERNANDES, Idilia. O lugar da identidade e das diferenças nas relações sociais. **Revista virtual textos & contextos**, n. 6, dez. 2006. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fass/article/view/1032>. Acesso em: 04. dez. 2011.

HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. In: SILVA, Tomas Tadeu da (Org.). 10.ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

LANGARO, Jerri Antonio. **De sinhazinha a jagunça / de senhorinha a senhora: uma leitura de Memorial de Maria Moura e Dôra, Doralina** (Dissertação de Mestrado). Cascavel: Universidade Estadual do Oeste do Paraná, 2006. Disponível em: <http://lakh.unm.edu/handle/10229/153>. Acesso em: 10.dez.2011.

SOUZA, Patrícia Alcântara de. **Marias de Rachel de Queiroz: percursos femininos em O quinze, As três Marias e Dôra, Doralina**. (Dissertação de Mestrado). Goiânia: UFG, 2008. Disponível em: www.ufg.br/this2/uploads/files/25/patriciaalcantara_completo.pdf Acesso em: 16. dez.2011.

QUEIROZ, Rachel de. **Dôra, Doralina**. 19 ed. São Paulo: Siciliano, 2001.